

 Prólogo 

Acabei de ser convidado para uma celebração muito reservada mas certamente muitíssimo esmerada em Tuxedo Park, apadrinhada por uma das melhores famílias de Manhattan. Por enquanto, obrigaram-me a jurar segredo, mas prometo aos meus fiéis leitores que contarei tudo passada esta semana, quando a notícia tiver saído.

EM «THE GAMESOME GALLANT», COLUNA DO *NEW YORK IMPERIAL*, DOMINGO, 31 DE DEZEMBRO DE 1899

Tornou-se quase um hábito das classes baixas de Nova Iorque avistar a nossa aristocracia nas ruas da cidade, entrando alegremente no Sherry's para tomar o pequeno-almoço após uma das suas festas épicas, ou talvez a fazer corridas de trenó em Central Park, esse grande ponto de encontro democrático. Todavia, aqui no campo é diferente. Aqui, os ricos não têm de sofrer a indignidade de serem espiados por mil olhos. Aqui, nas colinas cobertas de neve a quarenta milhas a noroeste de Manhattan, os negócios, os atropelos, os actos de violência aleatórios que têm lugar na cidade não os conseguem tocar. É que eles e apenas eles aqui podem entrar.

Naqueles últimos dias frígidos de 1899, o *beau monde* tinha fugido discretamente à cidade, em pequenos grupos, seguindo as instruções dos anfitriões. Na véspera de Ano Novo, os últimos chegaram num comboio especial a Tuxedo Park, desembarcando na estação privada do clube privado. Houvera comboios especiais toda a tarde: um levando orquídeas, outro caviar e caça, outro ainda caixas de champanhe *Ruinart*. E agora chegavam os Shermerhorn e os Schuyler, os Vanderbilt e os Jones. Eram aguardados por carruagens recentemente pintadas de verde e dourado, as cores do Tuxedo, decoradas com sinos de prata comemorativos da Tiffany & Co., e transportados rapidamente pela neve acabada de cair para o salão de baile onde teria lugar o casamento.

Quem possuía as suas próprias residências propositadamente rústicas — aquelas *cottages* de madeira com um toque de musgo e líquenes — foi até lá refrescar-se. As senhoras tinham levado as suas jóias históricas, penachos enfeitados com diamantes para os cabelos, luvas de seda. Haviam emalado os vestidos mais recentes e mais belos, embora algumas se sentissem desesperadas por serem vistas em vestidos que já tinham usado durante a época, que se revelara bastante infeliz. A mais encantadora jovem da sociedade, Miss Elizabeth Holland, tivera um fim alagado a meio das festividades e, depois disso, ninguém se sentira bem com demonstrações de alegria. A nata da sociedade esperava Janeiro

com ansiedade, altura em que podiam por fim escapar para cruzeiros no Mediterrâneo e outros locais a oriente. Agora, tão perto da passagem do ano, com uma abençoada festa no horizonte, apesar de inesperada, parecia que a boa disposição ia voltar. Uma ou duas das mulheres mencionaram em voz baixa, enquanto punham perfume por trás das orelhas, que se dizia que a noiva ia usar na cerimónia o vestido da mãe, o que emprestava um toque de humildade ao acontecimento. Essa era, porém, uma tradição sentimental e não desculpava qualquer falta de etiqueta da parte dos convidados.

Estavam já a ser conduzidos por criados de libré ao salão de baile, que ficava no edifício principal do clube. Era-lhes servido *punch* quente com especiarias em pequenas taças de cristal, enquanto comentavam como o salão do Tuxedo estava diferente.

Ao longo do meio da sua famosa pista de dança de madeira via-se um corredor delimitado por pétalas de rosas brancas com vários centímetros de espessura. O centro da sala era dominado por arcos nupciais envolvidos em crisântemos e lírios-do-vale. À medida que entravam, os convidados murmuravam perante o requinte do arranjo e o alto calibre dos presentes que tinham comparecido apesar do curto prazo, pois os convites haviam chegado apenas alguns dias antes, entregues por mão própria. Lá estava Mrs. Astor, oculta por trás do véu escuro, presente apesar dos problemas de saúde que a haviam mantido em casa durante grande parte da época e dos rumores que diziam que estava pronta a abdicar do trono como rainha da sociedade nova-iorquina. Apoiava-se no braço de Harry Lehr, um cativante homem solteiro, frequentemente falado pelas suas exibições nos bailes de debutantes e pelas suas belas palavras.

Os William Schoonmaker abriam caminho até à fila da frente, com a jovem Mrs. Schoonmaker — era a segunda mulher a usar aquele nome — a atirar beijos e a ajustar os caracóis louros e a tiara de rubis durante todo o caminho. Viam-se os Frank Cutting, cujo filho único, Edward «Teddy» Cutting, era muito amigo do filho de William, Henry Schoonmaker, embora desde os meados de Dezembro os dois só tivessem sido vistos juntos algumas vezes. Lá estava Cornelius «Neily» Vanderbilt III e a esposa, nascida Grace Wilson, que, quando debutante tinha sido considerada demasiado «atrevida» e quase fizera com que o marido fosse deserdado. Agora tinha um ar majestoso, num vestido de veludo adornado com rendas, o cabelo arruivado penteado ao alto com caracóis intrincados, uma autêntica Vanderbilt. Contudo, apesar de todos os

bem-nascidos que iam ocupando os seus lugares, notava-se a ausência de alguns notáveis. É que entre os cerca de cem convidados — uma lista muito mais selecta do que os quatrocentos convidados para o salão da velha Mrs. Astor — uma grande família não estava representada.

Essa omissão pareceu estranha a muitos e, sob a suave música de cordas que anunciava que a cerimónia iria começar muito em breve, um ou dois convidados murmuraram sobre aquela ausência. Entretanto, o vento assobiava em redor do edificio e os pingentes de gelo que pendiam das goteiras cintilavam. Os últimos convidados a chegar foram rapidamente conduzidos aos seus lugares e depois um grupo de testemunhas de casaca — e não os vulgares *smokings* que davam o nome ao complexo — dirigiram-se com determinação aos seus lugares.

O último, Teddy Cutting, olhou rapidamente para trás para se certificar de que o seu amigo estava pronto. Quando a música se fez ouvir, a multidão acenou aprovadamente com a cabeça ao ver Henry Schoonmaker, o cabelo escuro penteado para o lado e o belo rosto imbuído de uma nova maturidade, ocupar o seu lugar junto ao altar. Teria mostrado algum nervoso nas suas feições de libertino famoso? Seria excitação ou ansiedade? Depois, ele e todos os pares de olhos do salão olharam pela coxia, onde as mais belas debutantes de Nova Iorque, trajando *chiffon* de um azul gélido, começavam a emergir. Avançavam numa marcha lenta, uma a uma, pelo meio da pequena montanha de pétalas de rosa, em direcção à frente do salão, tentando ao máximo esconder os sorrisos juvenis.

Quando se ouviram os primeiros acordes de Wagner, a noiva, qual ninfa, apareceu, enquadrada pelo primeiro arco de flores. A sua beleza era notável, mesmo para a família e os amigos, que murmuravam nos lugares. Trajava o vestido de noivado da mãe, de renda, e das mãos juntas tombava-lhe um enorme ramo de flores brancas. O elaborado véu escondia-lhe as emoções, mas avançou para o altar com determinação.

No momento em que ocupava o seu lugar em frente a Henry a porta abriu-se e apareceu, ofegante, um jovem membro do pessoal que murmurou algo ao ouvido da mulher postada à entrada. Uma corrente de ar frio precedeu uma exclamação abafada, seguida de um sussurro quase inaudível. O burburinho intermitente que se ouvira antes da cerimónia intensificou-se, criando na sala um zumbido baixo, no momento em que o reverendo pigarreava e começava a cerimónia. Os olhos escuros do noivo observavam a sala e até a noiva se retesou.

A voz monótona do reverendo foi-se arrastando insistentemente, mas os rostos dos presentes já não pareciam tão plácidos ou alegres. Mesmo

ali, calorosamente resguardada no seu palácio de Inverno, um desconforto crescente apoderou-se da classe privilegiada, à beira de celebrar a união de dois dos seus membros mais distintos. Os convidados erguiam o sobrolho e abriam a boca de espanto. Foi como se, de súbito, a selvajaria da cidade que tinham deixado para trás, não estivesse, afinal, assim tão longe. Acontecera algo que iria alterar para sempre as suas recordações dos últimos dias de 1899.